

AMERICA

JORNAL NOTICIOSO, LITTERARIO E SCIENTIFICO

SEGUNDA-FEIRA
14 DE NOVEMBRO
ANNO N. 140.

PROPRIETARIOS: ZACARIAS SALCEDO & H. J. ESTRELLA

REDACTORES: DIVERSOS

Preços: por trimestre 20000 réis para esta cidade; pagamento adiantado.

PUBLICA-SE

NO RIO GRANDE

1870

AMERICA

AS REDAÇÕES

DO

ECHO DO SUL E DIARIO DE PELOTAS.

A redacção da *America* agradece hoje sinceramente, o acolhimento franco e leal, as palavras animadoras, que se traduzem pelo desejo do bem, e que se dignaram dispensar-nos as illustradas redacções que acima mencionamos.

Bem longe estavam de pensar, que nossos esforços coadjuvados pela diminuta força intellectual que nos alenta, amortecida luz que nos guia, teria uma tão grande recompensa, por parte d'aquelles que collocados sobre a tribuna justa e incorruptivel da imprensa, — luz sublime que a todos illumina, areopago do povo onde seus direitos são defendidos por idéas, suas boas acções elevadas ao altar glorioso da veneração pela admiração, e onde tambem aquellos que se desviavam das regras sociaes, encontram trementes o estigma correctivo à seus reprovados intentos ou crimes; — dissemos que bem longe estavam de pensar e agora dizemos que bem longe estamos de merecer o acolhimento que nos dispensaram esses arautos do progresso.

E ao expressar-nos por tal forma, não sacrificamos nosso amor proprio, porque nem um vislumbre de modestia acompanha nossa consciencia, apenas abrimos nossa alma tão pura, como a abrimos para receber as lisongeiras expressões de amigos dedicados, e á quem só cabem gratas e eternas recordações. A gratidão, pois, é uma das mais bellas e gloriosas virtudes de que o homem póde usufruir-se, e por isso o ser que a possui intacta e sem macula vive eternamente com Deos, como as liberdades com os povos, formando assim o entrelaçamento dos laços da confraternidade commum.

Por mais infeliz que seja o ente humano, perseguido por todos os azares da sorte, esquecido do mundo e suas vaidades, e vegetando sob a horrida sombra da miseria porém vivendo sob o manto protector da Divina Providencia, — é bem feliz, se em seus momentos do desalento, quando a alma perde-se nas lamentações de um passado cheio da dores e não se atreve a encarnar o presente por sua constante e inferior identidade, — é bem feliz repeti-por mais, se a luz sublime da gratidão por um instante sequer tomando lugar em sua escaldada imaginação, lhe fizer es-

quecer as sombrias paisagens da vida, fazendo transbordar seu coração em delirio indescritivel de prazer.

E aquelle que não tem a recordação da gratidão, ainda mesmo que não possua um amigo que em épocas passadas lhe prestasse favores, ou porque o reptil da ingratitude lhe corroe o coração! ... oh! este é bem infeliz; porém encarado calma e reflectidamente, é sempre digno de compaixão e nunca de desprezo.

A redacção da *America*, porém, se por acaso a vontade publica for, condemnada ao ostracismo, terá sempre um momento de prazer, e por isso de gratidão para as illustradas redacções do *Echo do Sul* e *Diario de Pelotas*, amigos que lhe alentaram os debéis passos no principio de sua carreira.

Firme neste proposito, ella retribue verdadeiramente agradecida as illustradas redacções, que vieram demonstrar-lhe que pequena como é não se encontrava contudo isolada nas lições da imprensa, seu eterno e profundo reconhecimento, desejando-lhes um maior grão de prosperidade.

O espectáculo de ante-hontem.

Finalmente foi ante-hontem contemplado e victoriado sobre o palco riograndense, por uma concorrência illustrada, o Sr. Joaquim Augusto!

E Joaquim Augusto, não é só um talento, é o genio artistico dramático laureado entre os primeiros actores brazileiros.

Se são magnificas as recordações do passado; Joaquim Augusto teve um passado esquecido, que reavivou-se ante-hontem, entre o pressor delirante dos seculantes de todos seus convidados lias-se, entre a admiração que crescia por gritos, e entre os freneticos e repetidos applausos que succediase, apagando assim ingratamente por momentos, os echos estridentes e portentosos, calmos e commoventes, da voz do primeiro actor brasileiro que desde o palco electrificava aos espectadores.

A *Cerração no mar*: como é sublime esta scena, desempenhada por Joaquim Augusto!

Vel-o em todo o auge do desespero blasphemando contra a vida e contra Deos, desafiando os elementos da tempestade! ... Vel-o momentos depois

aterrorizado ao extremo, pelo castigo celeste que deixa ver um raio cruzar e calir-lhe a pouca distancia, curvando-se submisso e implorando do fundo do alma o arrependimento de suas sacrilegas blasphemias. Mas é necessario vel-o, para julgar-se com propriedade as transformações que com a rapidez do instante offerece seu genio, com palpavel naturalidade.

Um bello triumpho Joaquim Augusto alcançou ante-hontem; bello tao bello como grande é seu genio!

Sentimos, com dór que elle dando-nos o adeus da despedida, deixe entre o publico desta cidade tão profundas sensações, sem no menos ter a certeza de em breve poder apreciar-o e render-lhe novamente homenagem ao grande talento que lhe amosa a vida.

E na tranc, porém, das saudades deste povo que o acompanharia, elle tambem levará um recanto do coração, gratas e bem gratas recordações da noite de seu beneficio e da espontanea ovação que por essa occasião lhe fez a platéa riograndense!

Muniz Barreto, o festejado violinista brasileiro, tambem teve nesta occasião sua parte honrosa nos applausos dos espectadores.

Mas Muniz Barreto, tambem, é um artista de merito: applaudido em muitos theatros estrangeiros e mesmo aqui no nosso; não podia por consequencia deixar de sel-o no momento em que punha seus valiosos serviços á disposição de um irmão que fazia seu beneficio. Mas, seríamos injustos, se não dissessemos alguma cousa sobre seu trabalho.

Muniz Barreto, em seu violino, é o rei da natureza sentado sobre um throno de flores, arrancando delle sons inimitaveis, desde o mais estridente a que se póde prestar seu instrumento, ao mais diuino ciciar; Muniz Barreto não só causa admiração, arrebatada! ... commove, causando alegria!

Relativamente a D. Velluti, apenas nos limitaremos á dizer, que é ella em toda a estensão da palavra uma digna consorte do Sr. Joaquim Augusto. Seu trabalho é bom e agradou geralmente.

Tambem desappareceu seu papel com agrado geral neste espectáculo, o Sr. Theodoro Garcia, que obsequiosamente prestou-se á coadjubar o beneficiado. O Sr. Garcia é um distincto e intelligente collega nosso.

A NAU DA LIBERDADE

Fluctuat nec mergitur

(Divisa das armas de Paris)

Roia de sangue o mar !... Nas nuvens da tormenta,
Ao paup'ero que ruge, ao raio que arrebenta,
Pans, a grande mãe, arvora o pavilhão !
Seus mastros, não sabeis ?—columas são de gloria ;
Seus panos—folhas mil da sua immensa historia ;
Convés—o Pantheon !

Gravado ve-se á péra um nome que electriza...
E' dos povos o sonho ! A maxima divisa !
Do seculo o aspirar ! Da vida o summo bem !
Na justiça de Deus fundam-lhe a couraça ;
No direito—o câmbio, e o mar que os uneça
Beijar-lhe o dorso vem !

Soberba e senhoreil, alôa a péra argentea...
Yao em busca do sol, nas nubes do Occidente,
As velas desfraldando aos eurus—um a um !
Leva um povo de heróis, —obreiros do futuro,
A's plagas do porvir, no porto mais seguro
Da bonança commum !

Dirige a grande mãe a deusa Liberdade !
Tem os olhos no céu,—por norte a humanidade,
Na crença do dever e fê por seu pharol :
Não n'assusta o bramir das ondas nem dos ventos,
Scentellas são de luz seus vastos pensamentos,
Que brilham como o sol !

Severa e doce a um tempo, á sua excolta fronte
Resplende como a estrella á noite no horizonte,
Ao seio traz pendente a cruz sobre alvo manto,
Emblema da verdade,—escudo sacrosanto,
Dos povos, no porvir !

Hymnos de amor fraterno a deusa, a virgem santa,
Aos povos do universo então, eleva e canta,
No pipá do bixel, sorrindo aos furacões !
A nuvem fendo o ar... o fogo o espaço alaga ;
E, ao trovão que rebrame, espuma doida a vaga,
Em fervidos catões !

No meio á confusão do horror que espalha a guerra,
A deusa é sempre calma. O céu, o mar, a terra,
Sua voz, lhe escutam por entre o vendaval !
Na dextra, cil-a que agita o ramo da oliveira,
Emquanto no ar fluctua a tricolor bandeira,
A bandeira immortal !

Salve ! deusa da paz, archanjo da harmonia,
Que vens por nosso amor, calcando a tyrannia,
Os povos libertar dos reis, dos Neros—vís !
E do sangue o baptismo ! A hora é da provaça !...
Não se atore já mais a nobre, a heroica França,
Aliva erga a cerviz !

• Monarchas do universo !—ouvi q'ella bradava :
Tenei, oh ! sim, tenei que um dia a terra escrava,
Nas acúas do soffrer, desperta os mortos seus !
Despotismo infernal de negra vassalagem !...
Que mais queren de nós ? Na febre da carnagem
Sois malditos de Deus ! •

Ao som d'aquella voz que excede ao mar profunda,
A terra estremece ! de luz encheu-se o mundo,
E a cruz da redempção fulgiu com mais fulgor !
A Europa quis se erguer : e os pés sentindo ao solo
Reprozes por trilhões...cabin, curvando o collo
Ao sceptro esmagador !

Das florestas, então, a America gigante,
Estendendo-lhe a mão por sobre o largo Atlante,
Sauda á Liberdade,—a deusa sua irmã !
E ella no prelo andaz, travando assim do leme,
Desvia o galeão dos p'ligas que não teme,
Já sorrindo á manhã !

Eis surgem mil aos mil, quasi ondas lá do oceano,
Negros monstros fúteis de aspectos sobrehumanos,
Fumo e fogo em trovões, uivando, a venitar !
Nos seos peitos de aço o odio em chamma arde ;
Parecendo Satanaz no feio, horrendo alarde,
Bracejando co' o mar !

Quem são ?... Oh ! não sabeis ? Ouvir... ouvi seus gritos...
São escravidões de reis ! Vanguarda dos precitos,
Que o Averno arremessara em hostes contra Deus !...
Q' pretendem da França?... As glorias ?... Os thesouros ?!
Oh ! seria ceifar do mundo inteiro os loiros
Para cingir... pigmeus !

Já tentam, mas debalde ! unidos moate a moite,
Turvarem do futuro o limpo horizonte,
Acrocando-se á nau que affronta os vendavaes !
Da morte as legiões também tem seus ministros :
São blasphemias á cruz, são cantos sinistros
Seus hymnos marciais !...

O' despotas, parae !... Na furia do arremesso,
Não se aborja Paris, a filha do progresso,
Arca santa da paz, do amor, da crença e fé !
Ali—ruge um vulcão... cratera ardente, accessa !...
Sahiu d'ella o porvir, cantando a Marselheza
E o mundo ouvia do pó

Sahiu d'ella também o genio das batalhas,
O terrível Titan, que em nuvens de metralhas
Voava contra os reis, montado em seu corcel !
Foi da Europa assombrada as terras lá do Egypto...
Escalara—talvez !—os muros do infinito
Como o archanjo revel !

Refervem na cratera as lavas como espectros :
O direito e a justiça ! O odio infrene aos sceptros !
A virtude e o amor ! O vicio e o crime—nús !
A morte impera alli, soprando a immensa forja !
E de um povo em furor, sorrindo, aperta gorja,
Apontando-lhe a cruz !...

.....
.....
.....
.....
.....

Quando as vagas do mar, convulsas bravejando
De encontro a grande não, q' a deusa tem ao mando,
Intenstem esbarrar-lhe as furias do escarvão...
Como outr'ora Cartilago, em chamma toda inteira,
Salvando oh ! vêi-a-heia a tricolor bandeira,
Recolbendo-a no céu !

Depois, oh ! sim ! depois tranquilla e socegada
No porto v'la-a-heis,—na paz tão desejada,
Assombrando o futuro e o mundo já sem reis !
Os povos e as nações, relendo a grande historia,
Hão de o exemplo imitar, colbendo a mesma gloria
Seguindo ás mesmas leis.

Bittencourt Sampaio.

de sua cabeça, a dilatação de suas narinas e a vivacidade de seus olhos, assemelhava-se a um desses magníficos animais que Le-Brun soube pintar tirando do carro triumphal de Alexandre.

Ao sentir os passos do joven Genaro, rinchou de impaciencia, como se desejasse transpor o espaço com a velocidade do relampago.

Não tardou Genaro em montar sobre elle, quasi sem tocar o estribo, e perdeu-se pelas ruas da capital.

Já dissemos alguma cousa da phisiognomia e do traje do moço.

Tinha uma formosa varonil perfeita: uma preta e frisada cabelleira cahia por ambos lados de seu rosto, e certa elevação suprema em todos seus ademanos, como se houvesse nascido para mandar e impôr.

Sem embargo conhecia-se em seu semblante uma mescla singular, produzida pela fogauidade das paixões e pela calma da reflexão, que apresentava-se como um eterno contraste n'aquella elevada natureza. Facilmente um observador curioso poderia descobrir em sua vista o fogo do raio, e a terça limpidez d'um espirito philosophico.

Deixando a um lado estes detalhes, limitar-nos-hemos á seguir os passos do joven.

Cavalgava bizarramente, seu traje dava um realce duplo á sua interessante figura, pois já manifestamos que este não estava sujeito ás ridiculas modas que imperavam, senão que havia tomado o mais elegante e bello do que lhe pareceu melhor nas diversas nações que visitára, e o mais escolhido com que os seculos passados adornaram as suas gerações.

Um chapéu da forma que se usava no seculo XVII: uma graciosa jaqueta de velludo verde escuro com lamares de seda preta, de feição semelhante ás que uzam os turcos, umas calças côr de osso, sobre as quaes sobreshiam até meia perna umas botas côr de anta, e por ultimo uma larga capa de filigrana com voltas brancas, completavam o traje de Genaro.

Podia dizer-se que estava em completa contradicção com as modas hespanholas de então; porém tambem podia assegurar-se que estava duplamente formoso em tão caprichoso trajar.

Logo que o nosso joven salvou a distancia que existe entre a praça dos Afflicto e o Palacio Real, refrescou pouco á pouco a fogauidade do cavallo, até que penetrou na rua Maior.

Desde alli se dirigiu á passo, procurando a rua de Alcalá, como se um segundo pensamento lhe fizesse esquecer a missão que o conduzia.

Ainda que esta rua não era, o que hoje é, comtudo, era a mais formosa da capital, e nella habitavam, senão o mais aristocratico, o mais elegante ao menos da sociedade Madrileense.

Acontecia que muitos palacios que pertenciam aos titulos de Castella, abandonados por seus donos em consequencia da invasão estrangeira, serviam de morada aos mesmos cortezãos que queimavam miseravelmente insengão ao rei José Bonaparte: pelo que não era estranho ver aos modernos possuidores, en-

trar e sair como verdadeiros amos naquellas mansões solarengas.

Genaro sabia tudo isto, e olhava com profundo desprezo semelhante attentado; porém apesar de tudo, seu pensamento soffria uma transformação completa quando seus olhos fixavam-se no antigo palacio do marquez de Alcanhices.

Uma familia intrusa havia-se apoderado de seus salões; porém que lhe importava a elle esta invasão, quando alli estava o centro de todos os seus desejos, o constante somno de suas esperanças?

Genaro amava, como se ama aos dezoito annos: assim é que, ao chegar á altura do convento das Comendadoras de Calatrava, fixou seus olhos no formoso edificio de Alcanhices, como se buscasse algum desejado objecto em suas numerosas sacadas.

O cavallo conheceu sem duvida a ancioidade de seu dono, e partiu á escape, sem que lhe estimulasse as redeas nem as esporas.

Ao estrepito de sua carreira appareceu instantaneamente em uma sacada, uma formosissima mulher.

Genaro saudou-a: no mesmo tempo tornava-se immovel á porta do palacio.

Um laciao apressou-se á tomar as redeas; e Genaro apeando-se, perguntou:

— Está visivel a Sra. condessa?

— Espera-vos, cavalheiro, respondeu o interrogado, inclinando-se profundamente.

O joven não esperou mais: brillava em seus olhos a ancia do amor, a avidez da felicidade, e salvou as escadas com a presteza da impaciencia.

Crusou alguns salões, onde passeavam silenciosos alguns criados de confiança, até que chegou a uma bella ante-sala pequena, na qual havia uma camareira.

— E vossa senhora, Ignez? perguntou Genaro, acotando com seu precioso laço, que levava na mão, uma de suas brillantes botas.

— No gabinete branco, respondeu a camareira, abrindo discretamente uma pequenina porta de escape.

Penetrou Genaro por ella, como acostumado a passar por aquelles sitios, até que encontrou-se no mais bonito gabinete que pudera adornar os tapeceiros da proscripta rainha Maria Luiza.

Era uma rectunda octogona, cuja cúpula pintada ao fresco por Maella, apresentava scenas mythologicas, tão risonhas como as de Albano. As paredes, cubertas de velludo branco semeado de estrellinhas d'oiro, estavam divididas por angulos com formosas cintas sobre-douradas: pendia do tecto um riquissimo lampadario de bronze e crystal, e debaixo d'este, um sofa occupava o centro do gabinete.

Essas tapearias apagavam os passos n'aquelle santuario de uma divindade, e cortinas de gaze azul interceptavam os raios do dia que penetravam pelas sacadas que cahiam aos jardins do palacio.

Sentada no sofa estava a joven que momentos antes a vimos na sacada.

Não é facil explicar a poderosa formosura da dama.

Era alta e de elegante porte, como pôde sel-o o de uma rainha joven e formosa. A alegria de seu rosto e a côr de sua cutis eram

semelhantes ás pinturas de Murillo, que parecem um vapor que se escapa, ou uma recordação que se evapora. Seus pretos e sedosos cabelos ondulavam de um modo quasi profano sobre sua cabeça, tal como se admira em alguns retratos de Cleopatra, quando rodeada de flores applica a seu seio o venenoso reptil. Sua fronte elevada, ainda que crusada por ligeiras sombras, que podiam passar como os pensamentos da sua alma, era um grande foco de luz e de trevas d'onde resplandecia uma intelligencia superior. Seus olhos tinham um attractivo irresistivel, negros como a noite eram um immenso abysmo de onde podiam nascer flores e tempestades. Seu nariz, recto e severo, roubava á boca os encantos do sorriso, ou os desfigurava, ao menos sob certo desdém altivo e magestoso ao par.

Tal era a formosissima joven q' apresentamos por vez primeira em scena, sem atrever-nos á marcar-lhe a idade; pois em certas fisionomias esta não deixa vestigios de seus passos como é a da famosa Ninon de Lenclos.

Genaro fôra de si correo para ella, e exclamou :

— Mathilde !... me esperavas ?
— Senti a carreira de vosso cavallo, e corri para dar-vos o adeos de despedida.

Estas palavras foram não sómente pronunciadas com frieza, senão com amarga ironia.

O joven deteve-se ao ouvir o acento da formosa, pois lhe causava a dôr de uma ferida.

— Me reconvens ? perguntou suspirando.
— Pelo contrario, meu amigo, desejo-vos boa viagem.

Genaro tornou a sentir que o golpe lhe feria o coração.

— Sabéis acaso que devo partir ?
— Como posso duvidal-o, quando apenas estaes em Madrid o tempo necessario para visitardes aos que vos amam ?

— Mathilde exclamou Genaro com vehemencia apaixonada. Sois injusta para comigo.
— Eu !
— Já vos consta que tenho sagrados deveres á cumprir.

— Que quereis com isso dizer ?
E ao mesmo tempo despregou um sorriso que electrizou á Genaro.

Este não soube ao momento que responder.
— Quero dizer que não disponho de mim mesmo.
— Logo é certo, perguntou ella, que vae de viagem ?

— Não posso negal-o : vou.

— Então, porque estranhaes que vos dê o adeos de despedida ? Não quer dizer alguma cousa, que meu coração adivinhe o que vos succede ? Não é uma prova de que existe em minha alma esse presentimento generoso da mulher que é o livro secreto de nosso amor ? Oh ! vinde para cá... Sentae-vos á meu lado, espirito incomprehensivel, alma fogosa. Julgades que sejam reconvenções o que é amor, o que é unicamente um grito de minha alma ?... Ah ! ve-de ao que me expôdes : a dar explicações genuinas que nunca sentam bem nos labios de uma mulher, por muito que ame.

Genaro, em vez de avisualhar-se, cahio aos

pés da formosa joven, tremulo e palpitante.

— Oh ! perdoae-me, Mathilde ; exclamou, juntando suas mãos em attitude supplicante. É tão grande o dominio que exercees sobre mim, que uma de vossas palavras extravia minha razão, e paralyza minha lingua. Fui um insensato ao crêr que serias capaz de sensurar-me, quando o que fiasias era tão só uma prova do novo affecto que nos une.

— Porém não estejais assim, exclamou a joven: não vos quero de joelhos, quero-vos junto á mim.

Genaro tomou uma mão que lhe entregaram e depois de cubril-a de beijos sentou-se ao lado de Mathilde.

Olharam-se por longo tempo em silencio, até que ella disse :

— Vae a estar muito tempo ao meu lado ?
— Uma hora se m'o permittis.

Ella suspirou e disse :

— Sempre me concedes pouco tempo. Uma hora é um sopro, um atomo da vida.

— E sem embargo, exclamou Genaro, não posso dispor de mais.

— Quem é que vos impede ?
— Meus deveres, minha honra, Mathilde.

— Sempre sois ambiguo em vossas respostas, disse esta, com seu encantador sorriso.

— Mas, o que quereis que vos diga ?
— Nada. Conheço que eu careço de titulos para sondar os segredos de vossa alma.

— Minha alma não tem segredos, respondeu Genaro apaixonadamente.

— Para mim, sim.
— Provae-m'o.

Mathilde lançou sobre o joven um olhar, que para elle poderia ser uma terna reconvenção, e para outro um austicioso estratagemia.

— Ouvi : já que me provocaes, aceto o repto. Aonde te diriges, separando-te de meu lado ?

O joven conheceu que Mathilde levava uma segunda intenção ao fazer esta pergunta.

— Não posso dizervol-o, respondeu sorrindo-se tambem.

— Já possuis a prova. Eis ali um segredo.

— E' que esse segredo não é meu, esse segredo não emana de minha alma, Mathilde.

Não é minha vontade a que obra ; é outra vontade a que me impelle.

Isso é uma desculpa demasiado vulgar. Confessae que estaes rodeado de mysterios.

— Duvidaes de minhas palavras ?
— Duvido : digo-vos com inteira franqueza, respondeu a joven suspirando. Encontro em vós a razão que domina o coração, o culto de sentimentos oppostos á aquelle de quem deverias ser mais consequente. Me fizestes amar, para consagrar-me parte, não o todo de um amor, que se converte em duplo, e em falso quando é indispensavel q' o acredites ao menos com um sacrificio ; me fizestes ver horisontes brilhantes, para em seguida povoal-os de negras nuvens. De algum tempo á esta parte, me negaes até o tempo necessario para que nosos corações se entendam com a muda e suprema linguagem de uma eterna adoração. Vejo que outras vontades mais poderosas que a minha, vos fazem um instrumento de seus desejos, ou um severo executor de seus mandatos : que sempre a cavallo,